

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 1 DE OUTUBRO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 144

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	V. MAGALHÃES.
Filinto d'Almeida.....	ELOY, O HEROE.
Historia dos sete dias.....	HELIBEU.
Gazeta rimada.....	ALGUEM.
«Ensaio de critica» (con- clusão).....	A. DE LIMA.
As lagrimas do regato, poesia.....	FISCHIO.
Casos patuosos.....	S.
Notas bibliographicas.....	BLASIUS.
O Naturalismo.....	A. DE OLIVEIRA.
Fin d'agua, poesia.....	M. DE ASSIS.
Paginas esquecidas (con- clusão).....	BIBIANO.
Entre das graças.....	A.
Jornais e Revistas.....	A. DE OLIVEIRA.
Saudade, soneto.....	A. FOSCOLO.
Influencia do clima.....	D. PICCOLINO.
Platêas e salões.....	M.
Gazetilha litteraria.....	H. MAGALHÃES.
Parnaso Alegre Nababo in- terino, soneto.....	P. TALMA.
The tres.....	TIO ANTONIO.
Festas, bailes e concertos	O. SILVA.
Collaboração. Petalas soltas	
Factos e Noticias.....	J. DE ARAUJO.
Declaração.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introduccão por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas

de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos a um doaseguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, verso de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

A SEMANA

Rio, 1 de Outubro de 1887.

FILINTO D'ALMEIDA

Parte no dia 9 do corrente, com destino a Lisboa, o meu querido companheiro de trabalho, o meu inseparavel, e até hoje inseparado, amigo Filinto d'Almeida.

Filinto vai para voltar. Mas voltará elle? Nem elle mesmo o sabe. Verdadeiramente não é para Lisboa que Filinto vai partir: é para a Felicidade. Vai realizar o supremo ideal do seu espirito e do seu coração, vai depositar aquella a quem dedicou a sua primorosa e inspirada *Lyrica*, aquella de quem disse nos formosos versos da *Dedicatória*:

« Tu és a minha esposa,
« O meu bemdicto amor.

Ao vel-o partir, embora saiba que vai realizar o seu ultimo sonho, quanto elle prometta estar de volta em Dezembro, eu, seu amigo ha dez annos, de uma amizade firme e serena, limpida, jámais nublada pela nuvem de um sentimento ou de uma desconfiança, eu, que sempre o tive a meu lado, nas horas roseas da felicidade como nas horaa negras do infortunio, ao vel-o partir, parece-me que um grande isolamento ainstro vai envolver-me e que parte com elle a melhor porção da já limitada força que me sustentava nesta ingloria luta supplicante das letras, nesta infeliz terra de escravos e alphabetos.

A *Semana*, perdendo-o, perde a sua pedra angular, a força intima que a mantinha e levava por deante. Não que seja absolutamente irreparavel a sua falta ou insubstituivel a sua penna; tanto que já, deade hoje, outro escriptor, nosso commum amigo, o fecundo e delicado humorista e delicioso poeta Artur Azevedo começa a fazer, em lugar de Filinto, e com uma gentilosa tocan-

te, as honras da *Historia dos sete dias*; mas porque, para mim, Filinto é o companheiro unico com que eu podia fundar e manter *A Semana* até aqui e com que eu poderia continua-la d'aqui por deante.

Desde o primeiro numero que nella trabalhei, ha quasi tres annos, tão esforçada quanto desinteressa lamente, sugitando-se sempre, com a sua imperturbavel alegria,—que é todo o segredo da sua força — ás vicissitudes, aos sacrificios e aos dissabores da vida difficil, varia e incerta de uma folha hebdomadaria, de caracter essencialmente litterario.

Na sua alegria retemperava eu as forças, nos momentos de desanimo; no seu optimismo raiouho e desienhoso bebia novo alento para porfirar no empenho de manter *A Semana*; e ao seu talento masculino, complexo, inaleabilissimo, ia buscar o auxilio necessario, sempre intelligente e proficuo e sempre sollicitamente prestado.

Ausente o meu querido *Filindal*, sinto que difficilmente me resignarei á sua falta, e só com uma força conto para proseguir neste jornadae penoso e despremiado: a que me dará a promessa do seu regresso, a esperanza de tel-o novamente ao meu lado — companheiro fiel e valente, amigo constante e sincero.

A *Semana*, pois, despede-se de Filinto de Almeida como de um pae adorado, e, estreitando-o no maia cordial e apertado abraço, deseja-lhe tantas flores, tanta luz, tanta alegria no seu futuro quantas as que pelas suas paginas derramou elle prodigamente, durante cerca de tres annos, com a sua inspiração meiga e singela de verdadeiro poeta e a endemoninhada fantasia do seu burmorisno.

Quanto a mim, meu, Filinto... que diabo! Afinal de contas, não ha nada mais simples: vaes ali assim, a Liabóa, casar, casar e voltas... Voltas alegre, forte, contente, inteiramente, absolutamente feliz!

Não é caao, então, para um — *adeus!* E' caso para um — *até logo!*

Boa viagem, portanto, meu Filinto, e...

— Até logo!

VALENTIM MAGALHÃES.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Os leitores d'*A Semana* vão ficar desagradavelmente sorprendidos: esta chronica não é de *Filindal*, vulgo Filinto de Almeida.

Filindal está com o pó no eatribo (Po-hre estribo!); quero dizer que neste momento prepara as malas, pois ten-

ciona partir, no dia 9, para a formosa Lisbia, onde o espera, coroada de flores de laranja, a não menos formosa inspiradora d'aquelles suavissimos versos da *Lyrica*:

Tu és a minha luz,
Luz que a minh'alma envida.
E que atravez da vida
Me guia e me conduz.

O que me vale a mim,
Ao meu amor eterno,
E' ter o hem auperno,
Do teu amor sem fim.

O poeta — pudêra! — outra coisa não faz neste momento senão pensar na sua noiva; não come, não bebe, não dorme: leva todo o tempo a preparar as malas, e está plenamente convencido de que ha malas que vêm para bem.

Se lhe indagarde a pela saude, elle dir-vos-á: — Julia, Julia é a palavra prompta, indefectivel, invariavel, com que o ditoso *Filindal* responde a todas as perguntas.

Nestas condições, pedir-lhe para escrever ainda um artigo antea de partir, seria obrigar-o a não ter espirito... pela primeira vez.

Até que se case, *Filindal* é um homem perdido para as letras patrias. Mas descancem os leitores: a minha interinidade não excederá de dous mezes. Dentro desse prazo, elle voltará ao seu posto de honra, e as suas chronicas terão ainda mais *verve* do que têm tido até hoje, porque não ha nada, creiam, não ha nada como uma boa lua de mel para retemperar e fortalecer o espirito.

Se escrevesse esta chronica, o nosae *Filindal*, que tem a noiva segura, acria capaz de indultar o deaventurado Olympio da Silva Mattos, que ha dias se suicidou no sitio denominado Baldeador, lá para as bandae de Nietheroy.

Segundo afirma a *Provincia do Rio*, o infeliz, que contava apenas vinte annos, estrangulou-se por pedir uma moça em casamento e receber, em resposta, um Não despotico e formal. Releva notar que não foi ella, mas o pae — ó pae tyranno! — quem pronunciou esse maldicto adverbio, e causa directa de tanto deasespero havido neste mundo de Christo.

Mas se a pequena, não obstante a opposição paterna, continuava a amal-o como d'autez, porque deu cabo do canastro o infeliz Olympio? Se ella o queria, que lhe importava a elle que o não quizesse o pae? Pois não ha ali leis que obrigan o homem que tem uma filha a ser sogro, quer queira, quer não queira? Diante do *Stm* da filha, que vale o Não do pae, da mãe, do tio, do irmão, do tutor ou do padrinho? Não reflectio Olympio que matar-se era o meio mais

seguro de não esposar a sua bella? Não se lembrou de que ella, consolada de uma desgraça de que foi causa indirecta, fatalmente substituiu-o-ha no pensamento e no coração, e que outro homem dosfolhará aquella corôa de virgem, enquanto elle apodrecer, esquecido no fundo da sepultura?

Eu, no caso do pae da rnarpariga, diria aos meus botões:

— Bem avisado andei em não dar a pequena ao Mattos. Um homem que se enforca por ter soffrido uma contrariedade tão remediavel, tem lá forças para lutar contra as mil vicissitudes da vida conjugal? Que faria este pobre diabo quando se visse desempregado, com dez filhos famintos e descalços, a mulher de cama, os meirinhos á porta e a sogra a accusal-o, em altos berros, de ter feito a desgraça de sua filha?!

Mas deixemos em paz um namorado que morre, e saudemos uma folha que nasce.

Divorciado da *Gazeta da Tarde*, em cujas columnas construiu, durante muitos annos, obaluarto mais forte do Abolicionismo, o Sr. José do Patrocínio acaba de fundar a *Cidade do Rio...* tres seculos depois de Estacio de Sá!

Estou certo de que da nova folha fluminense partirão as ultimas bombas, que não de arrombar de todo e fazer sossobrar definitivamente o calhambeque, já desmastreado, do Escravagismo.

O principal já está feito; agora, com um pequenino esforço, ficaremos completamente livres de semelhante vergonha.

A victoria da propaganda abolicionista é completa; resta apenas desiludir um ou outro Orgon; mas para esses não ha Cleantes que valham. Até a ultima, o Sr. Patrocínio ha de achar quem lhe diga: — *Tais toi, pendard!*

Eu sou e todos nós somos do tempo em que era necessaria uma coragem inaudita para a gente declarar-se abolicionista; hoje as coisas mudaram completamente, e o escravocata não é um corajoso: é um cara-dura. Essa é a prova mais flagrante e menos discutivel dos bons resultados da propaganda.

Pois não veem que escravocatas de hontem andam, agora que encontraram a cama feita, a arrotar projectos sobre projectos? Mais de um magnata procura, por esse meio, uma taboa de salvação contra o villipendio da posteridade,—sim, porque cada um d'elles deixa-se embalar pela doce illusão de que ha de figurar na historia d'este paiz. Pois sim.

Ainda espero ver o Sr. Andrade Figueira tirar tambem do bolso, surreitamente, o seu projectosinho de emancipação, e apresental-o á Camara. *Voilà le bouquet!*

A escravidão está morta, e a *Cidade do Rio* tem o direito de dar o tiro de honra nesse cadaver.

Quem diz isto é um escriptor pessoalmente desaffectedo ao Sr. José do Patrocínio.

O apparecimento da *Cidade do Rio* coincido com a chegada do Sr. Joaquim Nabuco.

Saudo o illustre e sympathico cidadão, que obteve o triumpho eleitoral mais completo que ainda houve na nossa terra.

O deputado pernambucano teve uma

esplendida recepção, a que não faltou certamente o precioso elemento popular. Mas como os triumphadores romanos, que levavam atraz de si um escravo a lembrar-lhes, em altas vozes, a sua misera condição de mortaes, o Sr. Nabuco, no meio de todo esse entusiasmo febril e espontaneo, devia ter tambem ao seu lado um escravo (porque um escravo seria mais topico) que lhe dissesse: — Lembra-te do terceiro escrutinio!

E está feita a historia de sete dias,— sete dias alegres, durante os quaes — ó caso raro e digno de memoria! — não consta que tivesse havido nenhum naufragio.

O Dias Braga encarrega-se de supprir esta falta, pondo em scena qualquer noite o da fragata *Medusa*.

E como um sinistro maritimo no palco do Recreio Dramatico não provoca as lagrimas de pessoa alguma, nem as alegorias funebres da *Revista Illustrada*, não hesito em recomendar ao publico o *Naufragio da Medusa*.

ELOY, O HEROE.

GAZETA RIMADA

III

Saudoso parte o Filinto.
Saudosos ficamos nós!
Falo a verdade: não minto,
Saudoso parte o Filinto,
E o pranto embarga-me a voz!

Vae para Europa, somente
Sua *estrella* demandando.
Que volte breve e contente!
Vae para Europa, somente
Ficamos nelle pensando.

Flores, passaros, perfumes,
Borboletas, colibris,
Acompanhai-o em cardumes,
Flores, passaros, perfumes,
Fagueiros, leves, subteis!

Vagalbões no mar dispersos
Embalai a náu que o leva!
Elle vos doira em seus versos;
Vagalbões no mar dispersos,
Da róta espancai-lhe a treva!

Seja-lhe o tempo propicio!
De rosas lhe seja o mar!
Já que o mar o um precipicio
Seja-lhe o tempo propicio
E quieto como o luar!

Brisas marinhas segui-o
Té seu desejado porto!
Sob o céu vasto, irradiado,
Brisas marinhas segui-o
Como um celeste conforto!

Adeus, Filinto querido!
Adeus, meu bom *Filindal!*
Não has de ser esquecido;
Adeus, Filinto querido!
Sejam-te os astrós phanal!

MELIBEU.

« ENSAIO DE CRITICA »

(Conclusão)

Por conseguinte, achamos de todo o ponto injusta e mal julgada a parte do livro do Sr. Alvares da Costa em que tracta de Aluizio Azevedo, o nosso mais esforçado naturalista, aquelle que introduziu no Brazil o romance moderno, o auctor do *Mulato*.

Ao lado das lisongeiras verdades que o Sr. Alvares da Costa diz de Aluizio, affirma que este não entra legitimamente no quadro da escola de Zola.

Protestamos.

O auctor do *Ensaio de Critica* não tem o direito de ignorar que Balzac, para conseguir plantar o naturalismo em França, teve de fazer grandes concessões á escola que lá então predominava. Ora, Aluizio encontrou tambem uma escola de aqui nestes sertões, quando surgiu com o seu primeiro romance; e, todavia, o Sr. Pardal Mallet,—que S. S. cita como o «primeiro que entre nós revela verdadeiras tendencias naturalistas,»—nada mais é do que um galho da arvore que Aluizio transplantou para o Brazil. Pardal Mallet não escreveria *O Hospede* se não encontrasse franqueado o caminho que a *Casa de Pensão* abriu, bem largo, na mata virgem do nosso idealismo poetico.

Compare S. S. o modo de expor na *Casa de Pensão* e no *Mulato* com o do *Hospede*; compare a parase de um auctor com a do outro, a maneira de tractar os typos, compare os mesmos typos d'esses romances, e verá o illustre critico que o Sr. Coelho Netto tinha toda a razão, quando, na *Gazeta da Tarde*, declarava que o novo romancista de Pernambuco nascera sob a influencia do fecundo escriptor maranhense.

O Sr. Alvares da Costa aceita o grande Camillo Castello Branco como naturalista portuguez, quando aliás Camillo é naturalista por fantasia, por moda; lobo velbo das letras, todos os feitosos lhe são facéis e tangíveis, mas falta-lhe o principal — a convicção, o amor pela escola da verdade. Foi naturalista por troça a principio, fez-se discipulo de Balzac a brincar, a rir, ás vezes até ridicularizando as ferramentas de que se servia, como se vé na sua espirituosa resposta á Princeza Rattazi. E, no emtanto, o Sr. Alvares da Costa não aceita Aluizio como naturalista brasileiro; quando este o é por indole, por temperamento, por gosto, quasi que por fatalidade, como bem provam o seu amor da verdade, a sua persistencia na carreira que abraçou, a sua dedicacão ao trabalho e a inquebrantavel coragem com que elle tem até hoje, sem afrouxar nunca, luctado contra a imbecillidade do publico. Emilio Rouede o definio perfeitamente nesta phrase: «Um pintor que escreve com stylo, vivendo dentro dos seus quadros, convivendo com os seus personagens, ligando mais importancia ao ultimo d'estes do que ao primeiro critico e ao publico inteiro.»

O Sr. Alvares da Costa queixa-se de que Aluizio não se parece com Emilio Zola; quando aliás devia elogial-o por isso. O melhor merito do auctor do *Coruja* e de *Philomena Borges* consiste justamente em não se parecer com outro escriptor e ter sabido fazer naturalismo no Brazil, sem deixar de ser profundamente brasileiro. O Sr. Alvares da Costa acha que Aluizio não é natu-

ralista, mas entende que, visto não haver outros naturalistas por enquanto no Brazil, elle pôde passar por isso.

Ahi está uma das taes contradicções que não perdonmos ao novel critico. Ou Aluizio é naturalista, ou não o é; a circumstancia de estar ou não isolado não tem a ver com o caso. Enfim, o Sr. Alvares da Costa, empenhado, como parece, na diffusão do naturalismo no Brazil, commette nma injustiça; mais ainda — uma ingratição — para com o heroico luctador, o victorioso escriptor maranhense, desconhecendo os serviços por este prestados á causa que S. S. defende. Roma, caro senhor, não se fez num dia; se não fosse o trabalho de Aluizio Azevedo, o naturalismo, para existir entre nós, teria ainda de tentar os primeiros passos, estaria engatinhando e não andaria pelo seu pé, como já anda.

Esta é a verdade, e por isso a declaramos, raza e crua. E, porque em questão de arte é preciso dizer tudo ou então nada, acrescentamos que, segundo a nossa opinião, Aluizio Azevedo é o melhor exemplo para quem deseja seguir a carreira das letras. Trabalhando no meio em que vive; cercado de difficuldades de toda a especie; luctando dia a dia, passo a passo, com um jornalismo indifferente aos brasileiros; luctando com um publico mal educado e na maior parte composto de imbecis, invejosos ou hypocritas; luctando contra um governo que desconhece a necessidade do contracto litterario com os outros paizes, um governo que protege e agracia o trabalho do pintor, do musico, do estatuario, do actor, mas que não tem olhos para o trabalho dos escriptores nacionaes; luctando com a concurrencia das obras francezas, que são vergonhosamente roubadas pela imprensa e pelo theatro; não dispondo de bens herdados, não tendo nenhuma subvencão do governo, nem sincura que lhe renda um bom ordenado Aluizio Azevedo tem conseguido muito; tem feito milagres para conseguir impor a litteratura naturalista no Brazil.

E agora, para que o Sr. Alvares da Costa, e outros, formem idéa justa a respeito d'esse valente luctador e, para que o illustre critico saiba uma vez por todas que Aluizio Azevedo não tem caminbado ás tontas até aqui, passamos a transcrever o que o proprio Aluizio, já ha cinco annos, com a coragem tranquilla de quem confia tudo de suas idéas e do suas proprias forças, publicou na *Folha Nova*, em meio de um romance-folbetim—O *Mysterio da Tijuca*:

« Sabe, (Refere-se ao leitor) que os factos que aqui deixamos, tão á miagoa descriptos, não são puramente inventados por nós, mas colbidos, aqui e ali, da vida real. Cada um dos typos d'este romance tem atraz de si um ou mais individuos, que encontramos na rua, no theatro, nas repartições publicas, ou em alguma reunião de familia. Andamos por ali, como os trapeiros, de sacco ás costas, a mariscar factos verdadeiros nesse mistiforio de paixões boas e más, de bons e maos impulsos, de intenções de toda a especie; nessa mistela de virtudes heroicas e miserias degradantes, de cuja argamassa se fórma a estranha cousa que se chama—vida humana.

« A's vezes, entre os trapos e os godilhões, apanhados a esmo pela rua, deparamos com alguma joia de valor, e remetemos logo, tudo de cambulhada,

para o sacco das observações. E são essas pequeninas joias, perdidas nas encluradas da vida real, que de vez em quando quebram a invencível monotonia de nossas relações.

«Vêa por conseguinte que seguimos o curso fatal de certas leis. Não é bastante dizer, é preciso explicar. Já não estamos no tempo em que o romancista podia empilhar todas as situações que lhe surgissem à phantasia, sem dar conta d'isso ao leitor. Hoje é preciso dizer os porquês: é preciso investigar, esmiuçar as razões que determinaram taes e taes scenas.

«— Mas dessa forma, observará o leitor, o romance de que fala V. não é um romance, uma novella, um enredo, mas sim uma serie de pequenas dissertações a respeito do varios episodios e varios typos da vida real...

«— Ai, ai! responderemos nós—E' isso mesmo.

«E, já que avançamos a tanto, diremos logo com fraqueza que todo o nosso fim é encaminhar o leitor para o verdadeiro romance moderno. Mas isso, já se deixa ver, sem que elle o sinta, eem que elle dé pela tramaioia, porque ao contrario ficaremos com a isca intacta.

«E' preciso ir dando a cousa em pequenas dôzes, paulatinamente: um pouco de enredo de vez em quando; uma ou outra situação dramatica de espaço a espaço, para engodar, mas sem nunca esquecer o verdadeiro ponto de partida—a observação e o respeito á verdade. Depois, as dôzes de romantismo irão diminuindo gradualmente, enquanto que as de naturalismo se irão desenvolvendo; até que um bello dia, sem que o leitor o sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres.

«No Brazil, quem se propuzer escrever romances consecutivos, tem fatalmente de lutar com um grande obstaculo—é a disparidade que ha entre a massa enorme de leitores e o pequeno grupo de criticos. Os leitores então em 1820, em pleno romantismo francez, querem o bello enredo, a acção, o movimento; os criticos porém acompanhavam a evolução do romance moderno em França e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet.

«Ponson du Terrail é o ideal d'aquelles; para estes Flaubert é o grande mestre.

«A qual dos dous grupos se deve pois attender de preferencia—ao de leitores ou ao de criticos?... Estes decretam; mas aquelles sustentam. Os romances não se escrevem para a critica, escrevem-se para o publico, para o grosso publico, que é quem os paga.

«Por conseguinte, entendemos que, em simblantes contingencias, o melhor partido a seguir era conciliar as duas escolas, de modo a agradar ao mesmo tempo ao paladar do publico e ao paladar dos criticos; até que se consiga por uma vez o que ainda ha pouco dissemos—impôr o romance naturalista. Mas, enquanto não chegarmos a esse bello ponto, vamos limpando o caminho com as nossas produções hybridas, para que os mais felizes, que por ventura venham depois, já o encontrem desobstruido e franco.

«Saremos sentinellas perdidas—paciencia!»

Ora já temos o proprio Aluizio respondendo cabalmente ao Sr. Alvares da Costa. Se este illustre critico pernambucano se tivesse dado ao trabalho

de conhecer a sincera e desprezenciosa pagina que transcrevemos, não estaria tão enganado sobre a evolução litteraria do Brazil e veria no auctor da *Casa de Pensão*, não um «noviço da escola moderna» como irrisoriamente o qualificou S. S.; nem «uma sentinella perdida» como modestamente se julga o accusado, mas um bravo, quo, precipitando-se sozinho por entre as balas do inimigo, veio lá do extremo norte erguer aqui na Corte, no meio da fumarada dos preconceitos e das paixões catturras, o sangrento e escandaloso estandarte do Naturalismo.

ALGUEM.

AS LAGRIMAS DO REGATO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

*Na abobada sem sol da regio dos fosses,
o regato calcaveo os seus meandros doces,
desenha pelo vario e tortuoso gyro.
O feldspatho irisado, o severo porphyro
e os blocos colossaes do escultural basalto,
banha, circunda e enflora, e vae, de salto em salto,
e vae, de curva em curva, o barathro descendo,
do arboreo crystal fluído os fios estendendo...
Um d'elles atravessa a gorja petrea cassida
do elephante primevo, outro em lago se muda;
este vae, esmaltar os veios do pyrite,
aquele em gotas cae da dura stalactite,
como leite que flue de esuberante poma;
este outro de um repicho a esparsa forma toma.
Mas todas vão descendo em impeto fremente,
porque descor é sempre a sorte da corrente,
E o regato viejor no abysmo solitario,
depois de completar na terra seu fadario,
lembra-se com saudade, o misero e mesquinho!
do tempo em que tocava a roda de um moinho;
em que ouvia de tarde as amorosas queizas
dos salgueirões, banhando as luridas madeizas
e do sol reflectindo o disco luminoso.
Quem lhe dera voltar a esse viver ditoso?
E no silencio, então, das lagrimas supremas,
vae-se crystallizando em purolas o gemmas...*

AUGUSTO DE LIMA.

CASOS PATUSCOS

Guanabara Minor é o que o vulgo chama pittorescamente — um «bicho de concha».

Fino como lan de kagado — o diabo do bicho! Desde o começo d'esta interessante polemica, que Aranha da Guanabara se faz de desentendido e procura illudir a urgente necessidade, o imperioso dever de dar cabal resposta aos pontos em que o premi, tecendo matreiramente intrincada teia de banalidades injuriasas.

Não, meu caro aranhão, tu pra cá vens de carrinho.

Nos primeiros *Casos Patuscos* a proposito da pendencia — *Pulcino*, eu transcrevi varios horrores linguisticos e syntaxicos do Dr. Jorge Pinto, desastrosamente descoberto pelo amigo urso que redige o *Novidades*... na secretaria da Agricultura.

Aranha saltou, pernalta e lesta, em defesa de *Pulcino*, mas defendeu-o aseteando-me escriptor bascos malévolo, chamando-me patusco e já não sei que outros desaforos.

Com paciencia evangelica retruquei-lhe pelo ultimo n. d'A *Semana*, pondo-lhe novamente a mesma interpellação

aos peitos, entalando-o na contingencia de: — ou provar-me que não são asneiros e erradinhos da Silva os trochos que, de *Pulcino*, n'presentei como taes, ou de provar-me que, sendo-o, pode o seu auctor ser considerado auctoridade bastante para sagrar o primeiro poeta d'esta terra de poetas.

Em resposta ao epitho «patusco,» respondi-lhe delicadamente com estes dizeres:

«Aranha chamou-me patusco.

«Talvez o seja; mais patusco, porém, muito mais patusco do que eu, é o Sr. Alcindo Guanabara, que foi um dia d'estes representado por Angelo Agostini, na ultima pagina da *Revista Illustrada*, a redigir o *Novidades* sob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria e não protestou!»

De ovo, egualmente pernilongo e lépido, pinchou Alcindo Aranha a tréplicar-me.

Mas, d'esta vez, não só ainda não defendeu o seu pobre amigo Dr. Pinto, como tambem não se defendeu a si. Limitou-se a descompor-me; e, por signal, que num estylo bem reles, benza-o Deus!

Tem paciencia, Schopenhauer do largo do Paço, se porventura tens a consciencia mas limpa que os collarinhos, responde, de uma vez por todas, aos tres seguintes itens com que tenho vindo a aghilhoar-te desde que pela primeira vez me sabiste á frente.

I São asneiras ou não são asneiras os trechos do Dr. Pinto que, como taes, transcrevi na *Semana* n. 142?

II Tem o Dr. Pinto, com tal syntaxe, revelando tão crassa e funda ignorancia da sua lingua, auctoridade pontifical para sagrar o primeiro poeta brasileiro?

III Porque não protestou, e que tem a protestar o Sr. Alcindo Guanabara contra a caricatura em que Angelo Agostini o representou a redigir o *Novidades* sob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria?

A essa triplice interpellação convido pela terceira vez o Sr. Alcindo Aranha Minor da Guanabara a responder satisfactoriamente. Aqui é que bate o ponto, amiguinho. A não ser essa pedida e repedita resposta — é tudo parolagem, mais ou menos desaforada e canalba.

Olha, eu tenbo tanta curiosidade, Aranha de te ver responder áquillo, que nem mesmo me dou ao prazer de me rir desbraguihadamente d'aquelle lanço do teu ultimo artigo em que falas em dignidade, para dizeres que eu não posso dar lições d'ella a ninguem, nesta terra.

Bôa pilheria! E resisto-lbe, bem vés! E' que estou morto por ver-te descalçar aquelle par de botas.

Par, não: tres botas.

Foram poucas: ainda te fica um pé descalço. Calçal-o-ei para outra vez.

Vá, seu Aranha, descalce as botas!

FISCHIO.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

O nosso distincto e prezado collaborador portuguez Joaquim de Araujo acaba de publicar o seu promettdo poemeto *Luiz de Camões*, precedido de uma carta de Eça de Queiroz, tão cur-

ta quanto brilhante. Do poemeto, de que demos, em tempo, alguns excerpitos, diremos proxivamente.

O trabalho typographico é encantador.

Acaba de ser edictado pela casa Laemmer mais um livro interessante: a «*Metaphysica do Amor*» e *Esboco sobre as mulheres*, por A. Schopenhauer, traduzido por M. C. da Rocha. Vamos ler, mas, pelo conhecimento da obra e pela confiança no traductor, podemos desde já recomendar a todos a sua leitura.

Mais outra obra ntilissima de que é edictor o Sr. B. L. Garnier: a 1ª edição (impresa em Pariz) do Curso Methodico de Geographia physica, politica, historica, commercial e astronomica, composto para uso das escolas brasileiras pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda. Esta edição é quasi uma nova obra, tão ampliada e melhora da foi pelo auctor e por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro, vindo agora entreschada de copiosas e finissimas gravuras.

O Sr. Hippolyto da Silva offereceu-nos um exemplar d'Os *Latifundios*, poemeto abolicionista, que acaba de publicar em S. Paulo.

E' consagrado á memoria de Luiz Gama.

Os *Latifundios* são um trabalho em tudo digno de leitura. Os seus versos são cinzelados com bastante talento e os themas, escolhidos pelo poeta, veherados com energia, quando torpes pelo seu fundo, e exaltados com enthusiasmo, quando nobres e puros nos seus fins. Apenas lhe notámos, ainda muito viva, a influencia da leitura de Guerra Junqueiro.

E', não obstante, um trabalho este que deixa patente a nobreza d'alma e o espirito civico do seu auctor a par de presadas qualidades intellectuaes.

Continúe, pois, o Sr. Hippolyto a conviver com as Musas já que as sabe tractar com amor e distincção.

Frequentemente nos dá provas eloquentes do seu progresso e do estalo de sua civilização a proviucia do Pará. E' uma d'aquellas em que mais desenvolvimento tem a instrucção publica e menor numero de analphabetos se encontra. Ultimamente a generosa aspiração da unidade amazonica, pela realisação da unificação da Amazonia, mais tem acendrado o amor das sciencias e das letras naquellas ricas e pujantes regiões.

Hoje temos a annunciar, como outra prova mais e a mais recente do que deixamos dicto, o inicio da publicação de uma «Galeria de Poetas» (Perfil litterario dos poetas paraenses contemporaneos.)

O primeiro numero d'esta serie (á imitação das *Celebrités Contemporaines*) é occupado pelo poeta Paulino de Brito, do qual dá um retrato e a reproducção autographica do original de uma poesia, por signal bem bonita, e o *fac-simile* do auctor. O estudo bio-bibliographico d'este poeta é feito pelo Sr. Marques de Carvalho, que d'elle diz: «No Pará ninguém talvez mereça antes d'elle um preito de bomenagem litteraria. Divide-se em tres partes: a 1ª *estuda O homem*; a 2ª *O romancista* e a 3ª *O poeta*.

E' um estudo largo, minucioso, feito

talvez com a benevolencia da amizade, mas tambem com a eloquencia da verdade. Todo o trabalho lithographico e typographico é nitido e bonito.

Desejamos a continuacão d'esta Galeria que, a todos os respetos, faz honra á bria provincia do Pará.

Pontos de Francez pelo professor João Vieira de Almeida.

E' um trabalho escripto e exposto de accordo com o programma para os exames de preparatorios na Instrucção Publica e que concorre em muito para o estudo da lingua franceza.

O seu auctor tracta com bastante lucidez e methodo de todos os pontos d'esta materia, facilitando assim o seu estudo.

E' um trabalho recommendavel.

A Republica Federal, terceira edição stereotypada. Obra de propaganda republicana, devida á diamantina penna de Assis Brazil. Foi publicada, para distribucão gratuita, pelo Club Republicano Rio Grandense com o duplo intuito de comemorar o 52º anniversario da gloriosa revolução Rio Grandense e de utilizar a propaganda das ideias republicanas.

Da Sociedade Central de Imмиграção recebemos o seu IV livro de propaganda. Intitula-se *Pequena propriedade e imмиграção europea*, obra posthuma, de Luiz Couty. E' annotada e precedida de uma introducção biographica sobre o seu auctor, pelo senador Alfredo Es-craguolle Taunay.

A casa Laemmert acaba de edictar «A Lei sobre os crimes de destruição, damno, incendio e outros», contendo projectos, discussões, a lei n. 3311 de 15 de Outubro de 1886 e indice alfabético: Util e necessario trabalho, em boa hora empreendido pelo Dr. José Maria Vaz Pinto Coelho.

S.

O NATURALISMO

Il est certain qu'une œuvre ne sera jamais qu'un coin de la nature vu à travers un tempérament.
Zola — Le Naturalisme au theatre,

Venbo de lér o «Perfil de Castello Branco» primór litterario do padre Senna Freitas. Longe de mim pretender fazer a critica de tal obra, verdadeira joia, que apenas posso admirar.

Um ponto porém do trabalho impressionou-me desagradavelmente por conter idéas hoje absolutamente inaceitaveis. E' o ponto em que o illustre litterato, abraçando a caluca eschola romantica, fulmina o «romance experimental.» Ah! o padre Senna Freitas chega a falsear os principios da eschola moderna para expô-la ao anatema da turba ignara. Só a esta podem illudir as accusações do distincto escriptor, notoriamente injusto com uma eschola que só merece as bençãos da humanidade.

Diz elle : «Ha no naturalismo ou realismo litterario um defeito grave e uma qualidade positiva. O defeito é prescindir de todo o ideal, coñsoante o

confesso o proprio hierojante (!) da novissima escola, Emilio Zola; ora o romance é arte, e a arte que prescinde de todo o ideal e portanto de toda a creação e das leis fundamentaes da esthetica é indigna deste nome.»

Como se vé, para o litterato portuguez «romance experimental» quer dizer reproducção fria e morta da natureza, sem uma illação, sem uma força animadora da obra.

Esta noção torna-a o autor bem patente quando diz: «Não, nenhuma teta, nenhuma estatua, nenhum livro de litteratura pode ser equiparado á chapa colliada de um photographo, assim como a este não cabe propriamente o nome de artista plastico quando muitas vezes nem sabe traçar a curva de uma commissura de labios.»

Zola nunca disse que o romance experimental era uma photographia da natureza. O grande romancista apenas banio de suas obras o ideal a que não corresponde a realidade, como banio a realidade sem ideal. O que Zola exige é a consubstanciação dos dois elementos, exactamente como no mundo physico a força é consubstanciada com a materia. E' por isso que elle estabelece como condições essenciaes de todas as partes do romance «le sens duréel et l'expression personnelle.»

Eis suas palavras; «Partindo da realidade, o romancista a continúa, estende a scena no mesmo sentido, communicando-lhe sua propria vida. Todo o mecanismo da originalidade está ahí nessa expressão pessoal do mundo que nos rodeia.»

A vida do autor em suas obras, isso quer Zola, que, fallando das obras de Daudet, diz: «Comment voulez-vous que de pareils livres n'émotionnent pas le public? Ils sont vivants. Puvrez les et vous les sentirez qui palpitent dans vos mains. C'est le monde réel; et c'est même d'avantage, c'est le monde réel vécu par un écrivain d'un originalité exquise et intense à la fois.»

Será licito ainda, depois d'estas citações dizer que Zola reduziu a arte á reproducção impessoal, morta e inanimada da natureza?

O que Zola não admitto é que a arte seja «uma simples idéa phantastica e caprichosa de autor.» «Ainsi dans le cas où je représenterais un homme qui marcherait la tête en bas, j'aurais faite une œuvre d'arte si tel était mon sentiment personnel. Je serais fou pas d'avantage.»

D'onde porém tiraria o padre Senna Freitas que Zola excluiu de seus romances a vida e o cunho pessoal? Talvez da leitura descuidada de algumas das obras modernas. De facto nada *apparentemente* mais feio do que as paginas de Stendhal e de Flaubert. Tome-se porém o pulso a essas estatuas de gelo, e sentir-se-á o sangue quente e mesmo febril que as anima. «São lagos gelados na superficie, mas talvez borbotantes em suas profundezas, e que reflectem com uma verdade incoaravel tudo o que se acha ás suas bordas.»

Já agora não deixarei a penna sem trazer á luz um facto em que se verá que pôde haver obra de arte com o cunho pessoal, mas sem a menor invenção ou phantasia.

Em uma das paragens mais centraes do Brazil, em um recanto onde talvez jámais se pronunciou a palavra *arte* encontrei um auto de corpo de delicto verdadeiramente artistico. «Notavel, dirá o eximio litterato, que não vé arte

onde só ha a realidade e a verdade, sem accrescimos phantasticos.

Tratava-se de um assassinato medonho, e acompanhado de circumstancias revoltantes. Descrevendo o theatro do crime o perito pareceu reconstruir o facto inteiro com vida e alma. Um facto especialmente se apoderara da attenção do redactor da peça, comquanto fosse um facto de infima importancia para o processo: «Na beira da estrada havia um amassado de matto, e junto d'este amassado o cadaver... e pugas de sangue, sobre o qual zumbião as abelhas, chupando o mesmo sangue.»

O que ha de mais vivo do que isto?! Será porventura mais tocante a phrase de Lady Macbeth? Não o creio. Ao ler o corpo de delicto senti meu sangue fugindo das veias e as abelhas silvestres sugando-o n'um zumbido monotonol... O sangue da victima do Cid, de Corneille escrevendo vingança sobre a terra que manchára, não nos move como o sangue do misero sertanejo, pastos dos animaes agrestes.

Naquellas longas e escuras mattas, naquellas estradas onde não transitão dous homens por mez, havia um perito que se impressionava ao vér o sangue empoçado e sobre elle pousando as abelhas... Quem era esse homem que em vez de phantasiar com Corneille, communicava sua vida, seus nervos, sua alma a suas narrações?

Era o mandante do crime e o segredo que elle tinha para impressionar era consubstanciar-se com o crime.

Foi por isso que descrevendo o facto em toda a sua nudez e em toda a sua verdade não poude deixar de communicar á obra o cunho de sua personalidade e de seu horror.

BLASIUS.

FIO D'AGUA

(A Augusto de Lima)

E' um fio d'agua, e assim tão pequenino, Pouco para servir de espelho á face De um lirio, pouco para que banhasse Nellu uma abelha as azas de ouro fino.

Dentre as taliscas de uma pedra, brota E salta, onde espinhoso o cardo medra, E, vivissima prata, gota a gota, Escorre, como a lagryma da pedra.

Por um leito de verdes musgos passa, E, como de um collar, perolas soltas Esparze; douda, a acompanhá-lo, ás voltas, A borboleta lepidu esvoaça;

E ella não só, mas das gramíneas rentes, Das raizes, das folhas e das flores, Seguem-lhe o curso, azis phosphorescentes Vibrando, insectos varios de mil côres.

E' que, como, entre os homens, a uma pura Affeição muitas vezes se nos prende A vida, e o mund' e tudo mais depende Para nós de uma mesma creatura:

Têm elles a existencia présa á quella Agua escassa, e por isso, entre selvagem Musica, todos acercados d'ella, Em procissão festinam-lhe a passagem.

Mas quando o sol na Incandescente fragua Tudo abraza, como a affeição querida Quando nos fuge, ai d'elles nesta vida Se lhes faltará aquelle fio d'agua!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Setembro de 1887.

PAGINAS ESQUECIDAS

Noticia da actual litteratura brazileira
(Conclusão)

A POESIA

A acção da critica seria sobretudo efficaz em relação á poesia. Dos poetas que appareceram no decennio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos annos, como Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, cujos nomes excitam na nossa mocidade legitimo e sincero enthusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. Os que sobreviveram calaram as lyras, e si uns voltaram as suas attensões para outro genero litterario, como Bernardo Guimarães, outros vivem dos lauros colhidos, si é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de Varella, poeta que já pertence ao decennio de 1860 a 1870. Neste ultimo prazo outras vocações appareceram o numerosas, e basta citar um Crespo, um Serra, um Trajano, um Gentil-Homem de Almeida Braga, um Castro Alves, um Luiz Guimarães, um Rozendo Moniz, um Carloa Ferreira, um Lucio de Mendonça, e tantos mais para mostrar que a poesia contemporanea pôde dar muita cousa; e si algum d'estes, como Castro Alves, pertence á eternidade, seus versos podem servir e servem de incentivo ás vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acbo da actual poesia, atenho-me só aos poetas de recentissima data, melhor direi a uma escola agora dominante, cujos defeitos me parecem graves, cujos dotes — valiosos, e que poderá dar muito de si, no caso de adoptar a necessaria emenda.

Não faltam á nossa actual poesia fogo nem estro. Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na cor local; como acima disse, todavia as fórmulas a revellam com mais ou menos brilhante resultado, bastando-me citar, neste caso, n'outras duas recentes obras, as *Miniaturas* de o Gonçalves Crespo e os *Quadros* de J. Serra, versos extremados dos defeitos que vou assignalar. Acrescentarei que tambem não falta á poesia actual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ella então? Em que pecca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correcção e gosto; pecca na intrepidez ás vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento. A imaginação, que a ha devéras, não raro desvaira e se perde, chegando á obscuridade e á hyperbole quando apenas brincava n'ouvidade e a grandesa. Isto na alta poesia lyrica — na ode, diria eu, si ainda subsistisse a antiga poetica; na poesia intima e elegiaca encontram-se os mesmos defeitos e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporanea grave doença que é força combater.

Bem sei que as scenas magestosas da natureza americana exigem do poeta imagens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampiro que varre os campos do sul, os grandes rios, a matta virgem com todas as suas magnificencias de vegetação, — não ha duvida que são paineis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser tra-

zidos com oportunidade, e expressões com simplicidade. Ambas essas condições faltam á poesia contemporânea, e não é que escasseiem modelos, que abí estão, para só citar tres nomes, os versos de Bernardo Guimarães, Varella e Alvares de Azevedo. Um unico exemplo bastará para mostrar que a oportunidade e a simplicidade são cabedades para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande idéa. Nos *Tymbiras* ha uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, por que se affasta dos outros guerreiros e vive só. A fala do ancião começa com estes primorosos versos :

« São torpes os anúns, que em bandos folgam,
São máus os calleteis que em varas pascem:
Sómente e sabiá geme sósinho,
E sósinho o condor aos ceus remonta.»

Nada mais oppurtuno nem singello do que isto. A escola a que alludo não exprimiria a idéa com tão simples meios, e faria mal, por que o sublime é simples. Fôra para desejar que ella ysrasse o meditasse longamente estes e outros modelos que a litteratura brasileira lhe offerece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mais esta tem suas regras, o estro leis, e si ha casos em que elles rompem as leis e as regras, é por que as fazem novas, é por que se chamam Shakespeare, Dante, Goethe, Camões.

Indiquei os traços geraes. Ha alguns defeitos peculiares a alguns livros, como por exemplo, a antithese, creio que por imitação de Victor Hugo. Nem por isso acho menos condemnavel o abuso de uma figura que, se nas mãos do grande poeta produz grandes effeitos não pode constituir objecto de imitação, nem, sobretudo, elemento de escola.

Ha tambem uma parte da poesia, a que, justamente preocupada com a côr local, cahé muitas vezes n'uma funesta illusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do paiz, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulario e nada mais. Apprecia-se a côr local, mas é preciso que a imaginação, lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturaes, não ds acarreto. Os defeitos que reumidamente aponto não os tenho por incorrigiveis; a critica os emendaria; na falta della, o tempo se incumbirá de trazer ás vocações as melhores leis. Com as boas qualidades que cada um pôde reconhecer na recente escola de que fallo, basta a acção do tempo, e si entretanto apparecesse uma grande vocação poetica, que se fizesse reformadora, é fora de duvida que os bons elementos entrariam em melhor caminho, e á poesia nacional restariam as tradições do periodo romantico.

O THEATRO

Esta parte pôde reduzir-se a uma linha de reticencias. Não ha actualmente theatro brasileiro; nenhuma peça nacional se representa. As scenas theatraes deste paiz viveram sempre de traducções, o que não quer dizer que não admittissem alguma obra nacional quando apparecia. Hoje, que o gosto publico tocou o ultimo grão da decadencia e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para comprar obras severas de arte. Quem lh'as receberia, si o que domina é a cantiga burlesca ou ob-

scana, o cancan, a magica apparatusa, tudo o que falla aos sentidos e aos instinctos inferiores?

E todavia a continuar o theatro, teriam as vocações novas alguns exemplos, não remotos, que muito as haviam de animar. Não fallo das comedias do Penna, talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeigoar-se e empreheder obras de maior vulto; nem tambem das tragedias de Magalhaes e dos dramas de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Agrario. Mais recentemente, nestes ultimos doze ou quatorze annos, houve tul ou qual movimento. Appareceram então os dramas e comedias do Sr. J. de Alencar, que occupou o primeiro logar na nossa escola realista, e cujas obras *Demonio Familiar* e *Hão* são de notavel merecimento. Logo em seguida appareceram varias outras composições dignas do applauso que tiveram, taes como os dramas dos Srs. Pinheiro Guimarães, Quintino Bocayuva e algum mais; mas nada disso foi adeante Os auctores cêdo se enfiaram da scena, que a pouco e pouco foi decahindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Provincia ainda não foi de todo invadida pelos espectaculos de feira; ainda lá se representa o drama e a comedia, — mas não apparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este ponto.

A LINGUA

Entre os muitos meritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalados em bom estylo os solecismos da linguagem commum, defeito grave, a que se juncta o da excessiva influencia da lingua franceza. Este ponto é objecto de divergencia entre os nossos escriptores. Divergencia digo, porque, se alguns cahem naquelles defeitos por ignorancia ou preguiça, outros ha que os adoptam por principio, ou antes por uma exaggeração de principio.

Não ha duvida que as linguas se augmentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no seculo de quinhentos é um erro igual ao de affirmar que a sua transplantação para a America não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influencia do povo é decisiva. Ha portanto certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no dominio do estylo e ganham direito de cidade.

Mas si isto é um facto incontestavel e si é verdadeiro o principio que delle se deduz, não me parece aceitavel a opinião que admitté todas as alterações da linguagem, ainda aquellas que destroem as leis da syntaxe e a essencial pureza do idioma. A influencia popular tem um limite; e o escriptor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricio e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrario, elle exerce tambem uma grande parte de influencia a este respeito, depurando o linguaggio do povo e aperfeigoando-lhe a razão.

Feitas as excepções devidas, não se leem muito os classicos no Brazil. Entre as excepções poderia eu citar até alguns escriptores, cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os classicos. Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como Azurára ou Fernão Mendes seria hoje um anachronismo insupportavel. Cada tempo tem

o seu estylo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar delles mil riquezas que, á força de velbas, se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o peculio commum.

Outra cousa de que eu quizera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe affiança muita vida aos seus escriptos. Ha um prurido de escrever muito e depressa. tira-se disso gloria, e não posso negar que é caminho de applausos. Ha intenção de agualar as creações do espirito com as da materia, como se ellas não fossem neste caso inconciliaveis. Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espirito são precisos alguns mais.

Aqui termino esta noticia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimento, graças de estylo, dotes de observação e analyse, ausencia ás vezes de gosto, carencia ás vezes de reflexão e pausa, lingua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita côr local, eis aqui por alto os defeitos e as excellencias da actual litteratura brasileira, que ha dado bastante e tem certissimo futuro.

MACHADO DE ASSIS.

COPRE DAS GRAÇAS

Simplicio, tendo recebido de um sujeito o pedido de um certo favor, promettera servil-o, ficando de mandar-lhe a resposta por um primo do tal sujeito. Passam-se as semanas e este não recebe resposta nenhuma. Até que um dia encontra-se com Simplicio.

Este corre pressuroso a elle e diz-lhe, com grandes mostras de interesse; — Oh! meu amigo, desculpe-me. Ha muito tempo já que eu podia ter-lhe dado a resposta d'aquelle seu pedido: mas não tenho encontrado seu primo, para mandar-lh'a. Creia, porém, que logo que eu encontre seu primo lhe mandarei a resposta.

Um arengador politico, da roça:

— Senhores, visto que esta questão está pendente como a espada de Damocles, é preciso que não nos afastemos do nosso programma nem um centil!

Mais outra do Simplicio.

Ha dias, entrando em uma sala, cheia de pessoas, e não querendo cumprimentar a cada uma, de per si, fez um gesto largo de saudação e exclamou, risonbo:

— Meus cumprimentos a todos os senhores, no plural.

Dos Avisos da *Gazeta de Noticias*, de um d'estes dias:

« Os Drs. Eiras, Eiras Junior e Carlos Eiras mudaram o seu consultorio para a rua do Hospicio n. 72.

« Esp. molestias da garganta, fossas, nazaes e mentaes.»

Fossas mentaes!

Meus cumprimentos, senhores doutores Eiras, fizeram a melhor pilheria do seculo! Só lhes falta inventar um rapé para povoar as fossas... mentaes.

BIBIANO.

JORNAL E REVISTAS

No dia 28 do mez findo appareceu nesta côrte a *Cidade do Rio*. E' seu redactor-chefe e proprietario o valente jornalista José do Patrocínio que, como elle bem disse no seu artigo, não recomeça—continua o seu conhecido e patriotico programma.

Desejamos ao novo collega mil prosperidades.

Em seu n. 35 traz *O Brazil Medico* importantes artigos sobre medicina e cirurgia.

Está publicado o n. 5 da *Instrução Publica*. Insere bons trabalhos sobre sciencias naturaes e caetigos corporaes e traz varios escriptos em prosa e versos firmados por conhecidos escriptores.

O n. 47 do *Jornal dos Economistas* dá-nos interessante e variadissimo texto.

Recebemos o n. 12 d'*A Vida Semanaria* que se publica em S. Paulo. Traz boas caricaturas e um texto escripto com muito espirito e verve. Magnifica a terceira das *Cartas Chinezas*.

A *Estação*, n. 18. Anno XVI. Traz elegantes figurinos e moldes e uma interessante parte litteraria.

A.

SAUDADE

A IZABEL SOUTO

Perpassa o vento as syllabas cantando De teu nome; por entre a ramaria Escuto as aves em profuso bando, Chamando-te em clamores de alegria.

Sobre o prado florente á tarde, quando O sol desmaja no final do dia, Por entre as flores, triste, meditando, Vejo-te a imagem, placida, irradia...

De tua voz sonora, o timbre ainda Suave e puro eu sinto docemente Ferir-me o ouvido em musica divina;

Tudo me traz de ti saudade infinda, Saudade que se aviva eternamente E que alma eternamente me domina.

18 de Setembro 1887.

AMELIA DE OLIVEIRA.

INFLUENCIA DO CLIMA

Existe uma barreira imponderavel que obsta a fusão social até nas mais cultas nações do globo — a questão de côr.

O povo firmado numa lenda qualquer, e não uma tradição biblica, cré os negros ramos de um branco maldito, condemnado pelo primeiro homem post diluviano á escravidão perenne.

E' certo que Noé, dominado pela ira, fulminou a Obam com um anatema que devia seguir-o de geração em gera-

ção; mas acima da maldição de um homem, fallivel como todos os outros, está a misericórdia de um Deus infinitamente subido que não pode condemnar a um povo por crimes que não commettera.

Quo succedat pois?

Cham e sua mulher repellidos por seus irmãos partem em busca de um novo abrigo.

Atravessam o istmo do Suez (?)

Vão sós, repellidos, condemnados, precitos...

Uma região immensa se desenrola ante seus olhos.

E' uma terra ahençada onde odores diversos requeimam da corolla das flores, e onde a exuberancia de vida de envolta com a fertilidade e juventude eterna se ostentam em todos os reinos da natureza.

O prospecto assenta na tenda... cultiva o terreno... forma a familia...

Em breve os seus descendentes se dividem, subdividem-se, constituem diversos ramos, espalham-se pelo antigo continente e surgem então essas nações poderosas que deviam mais tarde traçar o destino outros povos.

Assoma-se Nínive, edificada por Assur, descendente de Nemrod, o grande caçador perante Deos; e logo depois o Egypto.

E' este um paiz gigante, sabio, potente... um pharol enorme cujos raios reverberam por todo o mundo conhecido.

Os egypcios tornam-se dominadores dos outros povos. As raças semitica e paphetica são escravizadas pela libyca! A justiça de Deus poude mais que a maldição de um homem.

E' isto o que nos attesta a historia, essa respeitavel anciã testimunha imparcial de todos os factos passados, presentes e futuros.

O appello aos livros sagrados não resolve a questão; é um argumento desesperado: não desda, corta o nó:

Fundar-se-ha, então, a variedade de cor numa mudança climaterica?

Cremol-o que sim, e a nossa crença firma-se em factos.

Senão véde:

Percorrei Guiné Inferior, Africa Central, Sumatra, Bornéu, Equador, Amazonas e Pará.

Os povos d'essa zona, dominados pelo grande circulo, são de uma cor negra como o ebano; têm o mesmo bulhar de sangue nas arterias, a mesma ferocidade dos animaes, o mesmo principio tonico dos vegetaes e a mesma ardentia do clima que lhes circulam.

E se os habitantes de Sumatra, Bornéu, Equador, Amazonas e Pará são mais claros que os da mesma zona na Africa, e que Sumatra e Bornéu são ilhas dotadas de uma vegetação luxuriante que lhe atenua os rigores do clima, e refrigeradas pelas evaporações maritimas. E' que a America é regada por inumeros e opulentos rios, ornada de grandes e espessas florestas, murada pelos Andes e outras cordilbeiras, col-fossas que servem-lhe de haluarte inexpugnável, e, sobretudo gosa de um clima muito mais frio, em latitudes correspondentes, do que qualquer parte do antigo continente.

Elevemo-nos 30 graus ao norte. Transponhamo-nos aos Estados da Barbaria, ao Egypto, á Arabia, á Persia, ao Tíbel, á China e ao Mexico.

O clima já não é o mesmo ardente e

secco do equador. As raças são também outras.

Os berbercs, egypcios, arabes, persas, tiletanos, chinezes e mexicanos de pelle abaçanada, ou são nomadas e vagabundas como o beduino do deserto, fuzendo da raça equina parte constituinte da familia, espirando sobre o cadaver do seu gentil murzedo, extenuado pela carreira; ou então, indolentes, voluptuosos e voluptuosos, entregues a lubricidade das nuvens pejudas de odaliscas, tornando a vida um sonho, o amor um goso que se frue em labios de mulher, a gloria um fumo que se esvae na ultima baforada do opio; tendo por arco triumphal os minaretes rubros onde o crepusculo reflecte tão linda cor, por aclamações o philtro que sorvem d'uns beijos purpurinos, por céu o pardina de delicias onde divinas huris aguardam para os bemaventurados prazeres já mais sonhados na terra.

Alemo-nos mais 30º ao norte.

Passemos como o simoun do deserto sobre as ruinas magestosas da Babilonia — a centapila, onde parece ouvir-se ainda o retinir das taças nas orgias bacchanicas dos reis; onde os fosseis erguem-se, como cadaveres resurgidos, á voz potente da sciencia do seculo.

Passemos sobre esses jardins sem flores, essas columnas derrocadas, esses templos derruidos, essas muralhas eshoroadas de Palmyra — a formosa em cuja ruinas o genio sublimo de Volney — o atheu, escavou em cada monumento provas que serviram mais tarde ao apostolo da descrença para arremessar um sorriso de sceptico a face das religiões.

Passemos alem, a essa zona habitada pelos bretões, candinavas, scythas, ugrianos, tungusas e india da Norte America.

O clima é frio, nessa região, os rios gelados, os montes coroados de neve, as cidades envoltas em espessos nevoeiros.

A transformação avulta-se também gigante.

Ahi depara-se com uma nova raça acendrada nas fragoas do gelo das montanhas, fria calculadora e pensadora. Não mais as ideias libilinosas dos serralhos; não mais as damas de olhos negros, grandes e meigos como os da gazella d'essa Arabia — Feliz; mas sim o *Walhalla* com as suas virgens louras de olhos azues, seus guerreiros destemidos que se despedaçam uns aos outros e multiplicam-se desta forma como as Hydras; e sobretudo o *Igdasil*, esse freixo enorme que une o céu á terra e do qual as almas dos reprobos que ousam galgar-o são arremessadas no *Naftegar*.

Os costumes, a cor, a litteratura, as crenças, tudo ahi é tetrico como a gruta do Fingal, nebuloso como seus penhascos inhospitos.

Elevemo-nos ás terras articas.

O clima é completamente frio; as noites são longas e pavorosas, os dias raramente clareados com a luz do sol, e apenas de longe em longe se avista alguma renna ou urso branco que percorrem as *hummocks* desertas; ou então as aves de gelo e os ptarmigans que o debruçam no vertice dos *ice-istes*. E se não fossem aquellas auroras boreaes tão bellas quanto é horrivel a avalanche; aquellas halos tão brilhantes quando é pallida a luz dos astros, aquella terra seria maldicta, destituida de toda a vida, e os proprios animaes fugiriam renegando para sempre a luz tristonha do sol arctico.

Os povos estão ahi também de acordo com clima. Os samoiedas na Asia, esquimós na America e especialmente os *innivictos* — indiginas amphibios de Alaska que percorrerem os mares em seus *kiaks*, harco que lhes serve de habitação, bebendo agua salgada, ou então a d'aquelles poços estagnados onde laçam restos de alimentos e tudo que ha de mais immundo contrariando todas as leis da hygiene, desmentindo as theorias sanitarias, desconhecendo o uso externo da agua e espondo o corpo a todos os perigos.

E' celebre, em verdado, o viver d'esses pescadores de phocas — comedores de carne crua — d'esses destimidos caçadores de urso branco descendentes de Eurico o ruivo.

Isto não admira, contudo, porque arvores, mares, animaes, tudo... tudo ahi é monotonico e arido como *ice-fields* e as neves eternas d'essa região gelida, privada do calor benéfico do sol... do sol principio fecundante de tudo quanto existe creado.

Perguntar-nos-hão, a vista do exposto, porque os negros levados para Europa não se tornam brancos e os europeos emigrados para a Africa negros.

Essa metamorphose opora-se, se não no individuo ao menos na geração, porem com uma morosidade tal que passa imperceptivel... Pois para acendrar uma raça não basta o crysol do clima é mister também a fragoa dos seculos.

Verdadeiras ou não é bom que estas theorias se gravem bem na memoria hoje que o Brazil, nação nova porem esperançosa, sacode o jugo da escravidão, requer os foros de cidadão, e tenta expolir do seio o prejuizo de cor trahido pelo acto mais infame da ignorancia humana o servilismo.

A. FOSCOLO.

PLATÉIAS E SALÕES

CLUB BEETHOVEN, THEATRINHO DA OAVEA, UM HONROSO ENCARGO

No dia 23 deu o Club Beethoven o seu 112º concerto, que foi muito concorrido. Do programma destacamos: *Pensée fugitive*, de Papini e *Berceuse*, de Fauré, executadas com esmero e correção pelo distincto violinista Roberto Kinsman Benjamin.

Maurice Puchard cantou a aria de *La Juive* e a de *Giovanni*, agradando immensamente. O quartetto do Club completou o programma dando um trecho de Haydn, que foi brilhantemente interpretado.

Perante numerosa e escoltida concurrencia deu o elegante theatrinho da Gavea mais uma recita.

Foram representadas a comedia em 3 actos *O tio padre* e a opereta em 1 acto *Tudo é estrangeira*.

Os amadores foram muito festejados, pela excellente interpretação que deram aos seus papeis.

A opereta teve um desempenho magnifico.

Venho um pouco tarde cumprir uma obrigação que me foi coufiada.

O insigne harpista Sr. Felice Lebano encarregou-me, partindo para Buenos-Ayres, de agradecer a toda a imprensa e ao nosso *grand mond* as gentilezas que lhe foram prodigalisadas e o lisongeiro acolhimento que sempre lhe foi feito.

Nada tom que nos agradecer o grande artista, pois rendemos justo preito ao seu talento, e grata será a sua visita ao nosso paiz, que sahe hem acolher os verdadeiros artistas.

D. PICOLINO.

GAZETILHA LITTERARIA

Já appareceu em Lishoa o esperado volume de contos da nossa illustre collaboradora D. Julia Lopes, intitulado *Traços e Illuminuras*, de que já demos algumas primicias em numeros anteriores. Vimos o primeiro exemplar que veio para o Brazil. E' um formoso volume, de impressão nitidissima, tendo uma capa illustrada por Bortalho Pinheiro e que é um primor, um encanto, uma das fantasias mais graciosas e suaves nascidas do lapis inexgotavel do grande desenhador e caricaturista portuguez. Brevemente será o livro posto aqui á venda.

D'elle diremos com a attenção e o espaço que merece, logo que o recebermos

Está impresso o fasciculo n. 6 da luxuosa e importante edição d'*O Guarany*. Traz uma bonita illustração.

Não nos cançaremos de recomendar ao publico esta nova edição de um dos mais bellos romances de José de Alencar.

E' obra digna por todos os motivos da coadjuvação publica, pois, além de seu grande merito litterario, está sendo impressa com elementos todos nacionaes.

Do nosso pujante e correcto poeta Augusto de Lima teremos brevemente um livro de poesias. Intitular-se-á, modestamente, *Contemporaneas*.

Por toda a seguinte semana estará na rua o novo romance naturalista de Aluizio Azevedo — *O Homem*.

A julgar pela impaciencia com que esta obra é esperada pelo publico e a julgar pelo interesse que todos os jornaes da Corte têm mostrado por ella, a primeira edição voará como polvora e ha de occupar longamente a penna e o tinteiro dos senhores criticos.

O Aluizio que se prepare, porque estes já se acham todos de adjectivos engatilhados.

No proximo numero publicaremos uma das *Virgilianas* ineditas, traduzidas pelo Dr. Juucindo dos Passos, filho. E' a 4ª ecloga, aquella famosa ecloga, em que varios doutores em canones e varios interpretores dos textos latinos descobriram a propheta da vinda do Messias e do nascimento da era christan.

A traducção, além do grande merito da fidelidade, que é absoluta, tem o valor artistico dos versos, que são fluentes, correctos e melodiosos.

Um presente regio, senhores gulosos da litteratura! Tel-o-ão sabhido futuro.

M.

PARNAZO ALEGRE

NABABO INTIRINO

*Dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro...
Donzella Theodora (1o acto)*

*Num quadro negro vi, uma noite sonhando,
Algebricos signaes, emaranhados calculos...
E as algarismos, como uns brancos animalculos,
Dançavam; rios de ouro em moeda, ouvia, soando!*

*Nico, notas, dobrões, amontoava contando:
—Fimé, cincoenta, cem... e, átrepado em pinaculos
De montanhas de prata, applaudia espectaculos
Da actrizes e arlequins; mas sempre calculando:*

*—Dez vezes dez são cem. E enterrava em alfobres
Rublos, pilastras, SOUS. Vinham vindo judeus,
Mendigos; e eu gritava, escondendo os meus cÓbres:*

*—Ladrões... Nisto acordei, e alegre, — á sancto
Deus! —
Minha gaveta abrindo, achei só nella os pobres
Quatrocentos e vinte e trez... smetos meus!*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

No dia 12 faz beneficio neste theatro com o afamado drama 29 ou Honra e Gloria o Sr. Manoel Porto, ponto do theatro.

Entre os nossos mais illustres medicos ha um respeitado lente da nossa Faculdade de Medicina, que tem vocação decidida para a litteratura dramatica. Das suas peças representadas lembramos o drama *Segredo do lar* que foi pela companhia Furtado Coelho, com applauso, em S. Paulo e aqui.

Tendo esse distincto amator enviado uma copia do seu drama inedito *O divorcio* ao eminente acto Giovanni Emanuel, recebeu d'elle a seguinte honrosa e lisongeira carta do que furtamos uma copia:

« Rio de Janeiro, 30 Luglio 1887.
Egregio Signore. — Ho letto il vostro dramma « Divorcio. » Possiede la più bella qualità, che deve avere un'opera teatrale: l'interesse.

Io credo che bene rappresentata da una buona compagnia, otterrà uno splendido successo.

Permettetemi di farvi i miei più sentiti complimenti e gradite una stretta di mano del

Vostro devotm. — G. Emanuel. »

P. TALMA.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Sr. capitão Joaquim Silverio Azevedo Pimentel deu, na noite de 24 do mez findo, uma excellente *soirée* familiar em sua residencia á rua do Barão de Paranapiacaba.

A ella concorreu grande numero de convidados.

A parte dramatica constou de uma engraçada comedia do Dr. Cnstro Lopes *Casamento por photographia*, de uma espirituosa digressão comica de Do-

mingos de Castro Lopes — *Viagem ao Perú e d'O coelhinho branco*, terminando o spectaculo com uma interessante scena comica de João Lopes.

Todos os amadores mantiveram-se com talento no desempenho dos seus papeis, sendo de justiça destacarmos, pelo realce dado aos personagens que interpretaram, as gentis amadoras Chiquinha de Castro, e Cecilia Pimentel, e o intelligente menino Americo Pimentel.

A festa terminou por magnifico baile, dançando-se até á madrugada.

TIO ANTONIO.

COLLABORAÇÃO

PETALAS SOLTAS

(FANTASIA)

A VALENTIM MAGALHÃES

À noite vinha descendo grave e magestosa pelas encostas dos outeiros que circundavam a campina.

Era a hora em que a natureza vae lentamente mergulhando em seu quotidiano banho de trevas.

Havia ainda, entretanto, um pouco de claridade, que emprestava ás arvores, ás collinas e ao valle nuanças de luz e sombra, vagas confusas e indecifráveis como um futuro sem illusões.

Cecilia, debruçada sobre a janellinha de seu aposento, olhava distrahida para um regato que cortava o jardim-sinho de sua casa.

Subito, passa misosa petala de rosa, arrebatada pela corrente das aguas.

Logo depois vem outra, mais outra, ainda outra...

A moça acampanhou-as com a vista até que ellas desapareceram de todo.

— Donde vierão essas pobres petalasinhas? perguntou ella mentalmente, a si mesma.

Naturalmente de alguma rosa desfolhada pelo vento.

— E para onde irão?

D'esta vez porém ella não encontrou uma resposta e continuou a olhar tristemente para as aguas do arroio, que corria sempre.

Aquelle factio tão simples avivara-lhe na memoria as doces recordações de seu passado e trouxera-lhe á imaginação o acabrunhador problema de seu futuro.

Como aquellas mimosas petalas que acabavam de passar, arrebatadas pela corrente das aguas, tambem ella vira todas as queridas illusões de sua mocidade dasapparecer uma a uma, arrebatadas pela corrente vertiginosa do tempo. Como aquellas mimosas petalas, cujo destino era impossivel determinar, tambem ella caminhava pela estrada da vida, sem conseguir descobrir um só ponto luminoso nas brumas espessas de seu futuro.

Aos vinte e oito annos toda a sua riqueza consistia na sancta protecção de seu pae, que ja se abeirava do túmulo.

E que lhe restaria no mundo, quando a morte lhe arrebatasse esse unico arrimo?

Pouco a pouco foram-lhe passando pela memoria todos os encantadores episodios de sua vida de criança. Viu-se outra vez pequena, alegre e travessa, a correr por aquella campina, atraz das borboletas de azas azues, que quasi sempre lhe escapavam.

Lembrava-se perfeitamente das interessantes historietas que lhe contava sua carinhosa mãe.

Eram sempre uns contos muito bonitos, de fadas protectoras de crianças, de principes encantados, de palacios feitos todos de ouro, de riquissimos jardins, em que havia arvores que cantavam e passaros que falavam. E ella adormecia, ouvindo aquellas singelas narrativas que a interessavam tanto.

Aos oito annos perdera sua querida mãe, que fora arrebatada do mundo por uma febre tenaz, persistente, rebelde n todos os meios empregados para debellal-a.

Lembrava-se de ter chorado muito junto do esquife, onde a puzeram, toda vestida de preto, com as mãos cruzadas sobre o peito. Não comprehendia ainda bem porque motivo lhe diziam todos, abraçando-a, que ella tinha perdido o sua maior thezouro na terra.

Chorava muito, muito, mas sem ter ainda uma idéia defuida do golpe tremendo que lhe vibrava o destino.

Com a morte prematura de sua mãe, perdera seu pae toda a alegria habitual. A habitação, sempre tão encantadora, tão cheia de vida, de ruido, de movimento, tornou-se sombria, silenciosa e triste.

Pesado luto a envolveu para sempre, e ella, criada no seio de tão profunda tristeza, foi ficando naturalmente meditativa e pezarosa, a ponto de perguntar muitas vezes a si mesma em que consistiam os prazeres d'este mundo.

Aos dezoito annos experimentou o seu primeiro e unico amor.

Fallecera um seu tio, que deixara só e sem protecção um filho, mais ou menos da idade d'ella. Seu pae tomou-o sob sua protecção e o trouxe para sua casa, onde elle morou tres annos.

Tres annos que lhe pareciam agora apenas tres horas, a destacar-se luminosas no sombrio quadro de seu passado tristonho!

Amou como se pôde amar pela primeira vez na vida!

Cada arvore do jardim trasia-lhe á mente uma estrophe d'aquelle idyllio que ella suppuzera eterno.

Fora ali á sombra d'quelle jasmineiro que elle lhe dern o primeiro beijo.

E ella se recordava perfeitamente, nitidamente, do sentimento extranho, indefinivel, dulcissimo, que experimentara com o contacto dos labios do manco sobre sua face.

Era sempre sobre aquelle rustico banco de madeira que elles costumavam sentar-se para conversarem nesses mil nonadas que fazem as delicias de dous seres que se amam.

E tudo isso passara como um sonho.

Um dia, elle, o ingrato, partira para o Rio de Janeiro em busca de emprego, tendo-lhe antes jurado voltar, apenas estivesse em estado de fazel-a sua esposa.

E ella esperara, confiada no juramento; esperara muito tempo, muito, até que adquirio a certeza de que elle não voltaria mais nuca.

E desde esse tempo os dias se escoavam, monotonos, inspidos, semelhantes uns aos outros.

Estas penosas recordações arrancaram-lhe duas grossas lagrimas, que se foram esconder em seu seio.

A noite tinha cahido de todo, envolta em pesado silencio, apenas interrompido pelo murmurio das aguas do arroio que corria sempre.

OLIVEIRA SILVA.

FACTOS E NOTICIAS

Houve badias em Therezopolis uma significativa demonstração de estima, de que foi alvo o Sr. commendador José Antonio Soares de Souza.

Reunidos quasi todos os habitantes d'aquella formosa localidade, dirigiram-se encorporados á residencia do estimado cavalheiro e ali manifestaram a consideração em que o têm, pedindo-lhe para pôr-se á frente do movimento progressista de Therezopolis, promovendo a obtenção dos meios de melhorar as condições d'aquelle eoberbo municipio.

O Sr. commendador Soares de Souza agradeceu commovido a manifestação e prometeu fazer tudo que em seu alcance estivesse em favor do desenvolvimento da localidade. Orou, em nome dos manifestantes, o Sr. Arthur Ferreira, principal promotor da demonstração de estima.

Regressa no dia 5 de Outubro n Lisboa a gentilissima actriz... perdão, enganamo-nos: ex-actriz Lucinda Furtado Coelho. (Não ha meio de nos acostumarmos áquelle maldicto *ex!*) Vae juntar-se aos seus respeitaveis paes e aos seus galantes filhinhos. Furtado Coelho fica; prosegue nas grandes obras de transformação do theatro Lucinda.

Regressou a esta capital o distincto abolicionista Dr. Joaquim Nabuco. O illustre deputado pelo 1º districto de Pernambuco foi alvo de grande manifestação popular.

Fundou-se nesta cõrte á Rua Barão de Ubá n. 18 o Club Eleitoral do 3º Districto do Municipio. E' uma associação de fins utilissimos e humanitarios. Pelos seus estatutos, que acabamos de receber, vemos que esta associação visa, longe de qualquer suggestão ou imposição, a eleição de seus candidatos para os cargos publicos e politicos, os beneficios aos seus socios que tiverem desempregados, doentas ou forem falbos de recursos, e tambem os de suas familias o por fim a obtenção dos melhoramentos materiaes necessarios ao districto.

E' pois, uma associação digna de ser imitada.

Importantissimo processo vae ser julgado no dia 5 do corrente, em Vassouras: — o do capitão José Narcieo de Lima, accusado pelo crime do artigo 264 § 4º da Cod. Crim. O réu é maior de sessenta annos, é influencia liberal no municipio e goza de geraes sympathias, contando grande numero de amigos — em que não entram, está bem visto, os do partido contrario. Será defendido no jury pelos Drs. Sebastião Lacerda, de Vassouras e Valentim Magalhães, d'esta Corte.

A posição do réu e as circunstancias do processo levarão enorme concurrencia aos debates, pois é geral a curiosidade. O espirito da população é todo favoravel ao accusado.

O nosso collega *O Paiz* completa hoje o seu 3º anno de existencia.

Nossas felicitações

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado tem a honra de declarar que a propriedade litteraria do poemeto — *Luiz de Camões* — de que é autor, pertence no Imperio do Brazil aos Exmos. Srs. Dr. Valentim Magalhães e João Joaquim de Araujo Carvalho, ambos residentes no Rio de Janeiro.

Porto, 20 de agosto de 1887.

JOAQUIM DE ARAUJO.

RECEBEMOS

— *Discurso* pronunciado pelo conselheiro Dr. Ruy Barbosa no meeting convocado pela Confederação Abolicionista no theatro Polytheama, em 28 de Agosto de 1887.

— *Nova contribuição* para o estudo das molestias mais communs nas classes pobres da capital da provincia do Rio de Janeiro. Apresentada pelo Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva, medico do serviço policlinico, ao director do Hospital de S. João Baptista.

— *Estatistica applicada ás estradas de ferro*. Resumo da conferencia do Dr. José Agostinho dos Reis, feita na Exposição dos caminhos de Ferro Brasileiros.

— *A doença e a biagem do imperadori*. Carta em verso de Fernando Albes ao seu amigo Zé Corrixe. Tem muita graça!

— *Relatorio* da companhia Estrada de Ferro Barão de Araruama.

— *Hand book of Rio de Janeiro*, magnifico guia da cidade, escripto em inglez, com uma vista photographica, tomada da Ilha das Cobras, e um plano da cidade, expressamente feito para este guia, edictado e distribuido pelos nossos amaveis collegas do Rio News.

— *A Senda do Crime*, fasciculo n. 1, romance de E. A. Koenig, edictado pelos Srs. Laemmert & C. Pertence á bibliotheca « Leitura para todos. »

— *Fabulas de La Fontaine*, fasciculo n. 50.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. Andre Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarega-se de defezas perante o jury. Muzambiúbo—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarega-se de liquidações amigáveis ou judiciaes na cidade de Muzambiúbo e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acção e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Relojeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paucrainado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de Nvaes—Juiz de Fora.

Augusto Luzo.—incumbem-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambiúbo—Minas.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço de volume: 2\$000.

SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos e aréas da bexiga.—Rua 1.º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garuiar; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

LYCEU DE S. GONÇALO

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario e as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

OBRAS COMPLETAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICA RDINA todos os volumes serão illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Srs.

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs. cada uma entrega quinzenal. Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado.

Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra.

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal da Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol. 4\$000
OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto. 4\$000
SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão. 800

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

Erekmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro. 2\$000
D. Guiomar Torreão, Moura Cabral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Macha-lo e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*. 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800
POR VARIOS ESCRITORES
UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravuras. 25\$000

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Prímoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado